



GEPOLÍTICA

AULA 3



Prof. Andre Francisco Matsuno Frota



CONVERSA INICIAL

Agora que você viu os principais conceitos e expoentes teóricos da Geopolítica clássica, poderá compreender a implicação deles para a Geopolítica e para a projeção de poder militar nos séculos XX e XXI. Além disso, você poderá compreender melhor conceitos como o de Geoestratégia e o de guerra multidimensional, e estudará a contribuição de outros pensadores para a Geopolítica, para a Geoestratégia e para compreender a expressão do poder militar. Para tanto, as contribuições de Teixeira Júnior (2017) serão muito importantes.

TEMA 1 – CONCEITO DE GEOESTRATÉGIA

Para compreender melhor a Geopolítica e suas implicações, é preciso compreender que a guerra é um dos componentes-chave da balança de poder na política internacional, de modo que a expressão e a projeção do poder militar na arena global são resultantes de interesses e objetivos claros dos Estados que as praticam. Diante disso, a prática (ou a evitação) da guerra demanda uma ação estratégica no espaço geográfico, ou seja, uma combinação entre Geografia e Estratégia, ou, simplesmente, Geoestratégia (Teixeira Júnior, 2017, p. 101-102).

Assim, e com o auxílio da Teoria da Guerra para entender a realidade política do espaço, pode-se compreender que “se na Geopolítica a Geografia determina a política, na Geoestratégia a Geografia condiciona a escolha e a configuração da estratégia voltada à realização dos objetivos de uma comunidade política” (Teixeira Júnior, 2017, p. 101). Para compreender a relação entre a guerra, a política e o meio geográfico, além daqueles que apostavam em princípios estratégicos, como Antoine-Henri Jomini, autores como Carl Von Clausewitz puderam explicar como a guerra decorre da vontade e da manifestação de vontades políticas, para as quais é preciso adotar estratégias racionais nos campos político e militar.

Desse modo, para Clausewitz, cujo pensamento refletiu-se na guerra e na estratégia entre parte do século XIX e o fim da Primeira Guerra Mundial, a guerra é uma “atividade social [...] que envolve diversos atores e motivações. Exércitos, governos e povos misturam probabilidade, razão e paixões quando da realização de uma guerra; esses aspectos interferem até mesmo na conduta a ser adotada” (Teixeira Júnior, 2017, p. 103). Além de Clausewitz, outros pensadores



influenciaram a Geoestratégia e a arte militar, conforme pode-se observar a seguir, no Tema 2, voltada ao poder militar terrestre.

TEMA 2 – EXPRESSÃO TERRESTRE DO PODER MILITAR

Conforme explica Teixeira Júnior (2017, p. 104-105), o Exército, ou seja, a força militar terrestre, sempre teve papel de destaque não apenas por seu papel de defesa da nação, do território e da população, mas por sua atuação na definição de fronteiras e manutenção de conquistas dos reinos, dos Estados e dos Estados nacionais. Por ser a única força capaz de combater, conquistar e ocupar o território, e apesar das dificuldades de mobilização de tropas ao longo de territórios vastos, a força terrestre busca obter e manter a vitória militar por estratégias de ação direta (atrato com o inimigo, para exaurir suas forças e recursos) e estratégias de ação indireta (manobra, a qual deve atingir as estruturas mais sensíveis e relevantes do inimigo, levando ao colapso de suas forças). Um exemplo da estratégia indireta é a guerrilha, como aquela postulada e baseada em Mao Tsé-Tung e em Ho Chi Minh (Guerra do Vietnã), bem como o pensamento militar oriental focado na manobra (Teixeira Júnior, 2017, p. 106-108).

Um dos principais expoentes para a compreensão da guerra, Clausewitz entendeu que atingir decisivamente o “centro de gravidade” do inimigo, por meio do uso da força de forma racional e localizada, promove sua desestabilização e posterior colapso da vontade e da capacidade de resistir. Com foco na primazia da defesa em relação ao ataque, bem como o entendimento da guerra como uma continuidade da política por meio da força e da violência racionalmente empregadas, o general prussiano compreende que a “imposição da vontade” ao inimigo depende da correlação entre a ação política e a ação militar (Teixeira Júnior, 2017, p. 106-107).

Com Mackinder, o papel da força terrestre é percebido em relação à Alemanha e à Rússia naquele período. Para esta última, a expansão terrestre foi facilitada pela “proteção natural” do Ártico, cujas condições geográficas tornavam quase impossível ao Império Russo ser atacado ou enfraquecido nessa região. Com a defesa natural da retaguarda e posicionada no centro do *Heartland*, a Rússia poderia aproveitar sua posição estratégica para expandir-se para o Crescente Interno e, em seguida, para o mar, o que ameaçaria os interesses e a proteção do Império Britânico. Com foco na Inglaterra e no Japão



(potências marítimas próximas ao Crescente Interno), Mackinder inspirou, de certa forma, a política de contenção realizada a Moscou durante a Guerra Fria (Teixeira Júnior, 2017, p. 108-109).

No caso da Alemanha, a influência de Mackinder (e também de Ratzel e Kjéllen) foi marcante para a Teoria das Pan-Regiões, do general Karl Haushofer, membro do Instituto Geopolítico de Munique. Para ele, o mundo deveria ser dividido em regiões de controle e influência diretas de uma potência mundial em cada uma delas, potências em ascensão no período e, em sua teoria, contrapostas ao Reino Unido e outras mais tradicionais, a saber: a Eurásia (liderada pela Alemanha); a Pan-América (liderada pelos EUA); a Pan-Rússia (liderada pela Rússia) e a Coprosperidade da Grande Ásia (liderada pelo Japão) (Teixeira Júnior, 2017, p. 109-110).

Conforme já mencionado, autores como George Kennan, Zbigniew Brzezinski e Henry Kissinger, com foco na orientação de Mahan em relação ao poder marítimo, focaram o papel dos EUA para a contenção à URSS, bem como “[...] articulavam as três dimensões da guerra (terra, mar e ar) na composição geoestratégia [sic]” (Teixeira Júnior, 2017, p. 112). Especialmente no caso de Kennan, que havia sido embaixador dos EUA na Rússia, a preocupação com a expansão soviética (“*The Long Telegram*”) visou a orientar a política externa e estratégica de Washington para enfrentar esse desafio, o que se refletiu em situações como a Crise dos Mísseis (1962), a Guerra do Vietnã (1965-1973) e a Guerra do Afeganistão (1979-1989) (Teixeira Júnior, 2017, p.111-112).

TEMA 3 – EXPRESSÃO DA AÉREA DO PODER MILITAR

A terceira dimensão do poder militar é o Poder Aéreo, cujo desenvolvimento, a partir do século XX, evoluiu de uma força auxiliar do Exército e da Marinha a uma força independente destas últimas. A Primeira Guerra Mundial e a Segunda Guerra Mundial foram dois dos principais palcos para a evolução do poder aéreo e de suas missões militares, o que impactou a configuração e também os limites dos campos de batalha (Teixeira Júnior, 2017, p. 121-122).

Conforme explica Teixeira Júnior (2017, p. 122-123), o desenvolvimento do poder aéreo ocorreu em três etapas: na primeira delas, o avião tinha funções basicamente orientadas ao reconhecimento e à observação do campo de batalha; bem como de perseguição e abate de aviões inimigos (metralhadoras e



bombas); a segunda etapa consistiu na ampliação da capacidade de apoiar (ou dificultar) o avanço das tropas em terra, bem como de bombardear alvos terrestres ou marítimos; por fim, a terceira etapa possibilitou o bombardeio estratégico a alvos mais distantes do campo de batalha e importantes para o esforço de guerra inimigo, etapa na qual a Força Aérea passou a desenvolver um perfil de força independente das demais (Teixeira Júnior, 2017, p. 121-122).

Diante do advento do poder aéreo, o militar italiano Giulio Douhet (1869-1930) escreveu, em 1923, *Comando do Ar*, trabalho no qual expõe sua visão da futura superioridade do poder aéreo, bem como uma percepção similar ao conceito de “guerra total” que, pela possibilidade de atingir alvos (militares e civis) na retaguarda do inimigo, poderia minar o moral e a mobilidade desse inimigo pela superioridade aérea (Teixeira Júnior, 2017, p.123-124). Embora a Segunda Guerra Mundial e o advento dos mísseis e das armas antiaéreas tenham abalado suas noções de que a superioridade aérea seria inviolável (o radar britânico limitou o poder aéreo alemão nos céus da Inglaterra) e de que o inimigo perderia o desejo de continuar lutando por conta dos bombardeios (apesar dos custos econômicos ao esforço de guerra na época da guerra), o pensamento de Douhet pode ser sintetizado nos seguintes pontos, conforme expõe Teixeira Júnior (2017, p. 123):

1. A guerra moderna não distingue combatentes de não combatentes;
2. Impossibilidade de ofensivas terrestres vitoriosas;
3. Impossibilidade de medidas defensivas contra uma estratégia aérea ofensiva;
4. Necessidade de preparação para ataques de bombardeios maciços contra centros populacionais, governo e indústria (forçar a paz);
5. Força Aérea independente, armada com bombardeios de longo alcance e mantida em constante estado de prontidão (requisito fundamental).

Opondo-se a Douhet quanto ao ataque deliberado a alvos civis e ao maior foco nos bombardeiros, o militar norte-americano William Mitchell (1879-1936) entendia que o foco do bombardeio estratégico deveria estar na destruição da capacidade econômica inimiga, e que a Força Aérea deveria obter meios mais diversificados para agir, proteger e conquistar os ares (Teixeira Júnior, 2017, p. 126). “Para isso, aviões de caça, reconhecimento, transporte e bombardeios seriam de extrema importância, cumprindo diversas funções” (Teixeira Júnior, 2017, p. 126). Além das reflexões de Douhet e Mitchell, é importante lembrar que, com os porta-aviões, o poder anfíbio tornou-se possível por conta do poder aeronaval, bem como o Poder Aéreo independente permite, a um custo menor



do que o emprego das outras forças, que Estados desenvolvidos possam passar mensagens de força a Estados militarmente mais fracos (Teixeira Júnior, 2017, p. 127).

Agora, outro pensador do Poder Aéreo será estudado no Tema 4, conforme você pode verificar adiante.

TEMA 4 – SEVERSKY

No referente à Geopolítica, é possível observar que, enquanto Mahan e Mackinder pouco observaram ou levaram em conta o Poder Aéreo como decisivo, Spykman entendeu o papel da Força Aérea para a projeção de poder no *Rimland*, com base em ações conjuntas (interoperabilidade). Por sua vez, e com um olhar geoestratégico, o militar russo-americano Alexander Seversky (1894-1974), embora considerado isolacionista, tinha uma visão similar a Spykman quanto à proximidade entre os EUA e a URSS quando observados numa projeção azimutal (Ártico e Polo Norte). Diante disso, Seversky entendeu que EUA e URSS possuíam zonas de domínio aéreo ao redor do globo, enquanto o Hemisfério Norte comporia a “zona de decisão”, ou seja, uma área de contraposição direta entre as Forças Aéreas dos EUA e da União Soviética (Teixeira Júnior, 2017, p. 130-131).

Um fator adicional deverá ser explorado nesta aula, o que é feito no Tema 5: o papel das armas nucleares.

TEMA 5 – ARMAS ATÔMICAS

Para concluir, é importante levar em conta, além das ações militares de interoperabilidade e da exploração do espaço sideral, o papel das armas nucleares, cujo uso inicial executado pelo Poder Aéreo no Japão (1945) foi revolucionário para repensar o uso e o alcance do poder militar. Com a possibilidade de uma catástrofe nuclear, as forças militares das potências mundiais não mais poderiam considerar sempre a vitória militar completa, mas deveriam pensar em como evitar um confronto aberto e total entre potências nucleares, que poderia resultar numa guerra nuclear, como pelo uso de mísseis balísticos (Destruição Mútua Assegurada) (Teixeira Júnior, 2017, p. 131-133).



NA PRÁTICA

Uma aplicação do estudo desenvolvido são as inspeções das Nações Unidas (ONU), realizadas pela Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA). As missões da ONU em países que usam energia atômica resultam em relatórios públicos disponibilizados na plataforma da organização. Os documentos podem ser analisados pelo público interessado e mostram, em casos especiais, programas nucleares com finalidades militares. São esses documentos que permitem a opinião pública geral, e não apenas o serviço de inteligência, formar um senso crítico quanto à existência de arsenais atômicos.

FINALIZANDO

Nesta aula, você pôde observar o papel e as propostas da Geopolítica e da Geoestratégia para pensar e propor o emprego multidimensional do poder militar (Exército, Marinha e Força Aérea), bem como o impacto disso para a política internacional. Na aula 4 você estudará o papel da Geopolítica, particularmente da Geopolítica Crítica, para as Relações Internacionais.



REFERÊNCIAS

TEIXEIRA JÚNIOR, A. W. M. **Geopolítica**: do pensamento clássico aos conflitos contemporâneos. Curitiba: InterSaberes, 2017.